

MEDALHA MARCELO REIS: UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO E RECONHECIMENTO

MARCELO REIS MEDAL: AN EXPERIENCE OF AFFECTION AND RECOGNITION

<https://orcid.org/0009-0009-1523-1585>  Ana Claudia Diogo da Silva^A

^A Curso de resgate e conhecimento escolar (Cresce), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

A homenagem a Marcelo Reis, apresentada por Ana Diogo no III Encontro Dialógico sobre teatro acessível, celebra a trajetória de um homem marcado por fé, emoção, cultura e compromisso com a inclusão. Marcelo, devoto de Xangô e iniciado em Ifá, uniu religiosidade, arte e educação em sua vida, atuando intensamente como gestor da Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna. Sua gestão foi marcada por ações inclusivas, como a reforma do teatro da Faetec com espaços adaptados e a acolhida da primeira aluna com deficiência visual da escola. Marcelo era apaixonado por teatro, fotografia, dança e pela convivência com a diversidade humana. Chorava com o Orixá, com amigos e com a vida. Foi Rei Momo, professor, jornalista, militante negro e, acima de tudo, aluno da escola da vida. A Medalha Marcelo Reis, criada pela ETET Martins Penna, reconhece incentivadores da educação inclusiva na arte teatral e eterniza seu legado. Ana relata sua emoção ao ser escolhida para representá-lo e destaca a importância da escola pública como espaço de afetos, diversidade e transformação. Defende que inclusão só é real com empatia e ação concreta, e que a arte, especialmente o teatro, é território potente para essa luta. Que os “nós da inclusão virem laços” — esse é o legado de Marcelo Reis.

Palavras-chave: Marcelo Reis; Inclusão; FAETEC

Abstract

The tribute to Marcelo Reis, delivered by Ana Diogo at the III Dialogical Meeting on Accessible Theatre, celebrates the life of a man defined by faith, emotion, culture, and a deep commitment to inclusion. Marcelo, a devoted follower of Xangô and initiated in Ifá, intertwined spirituality, art, and education throughout his life, especially during his impactful tenure as director of the Martins Penna State Technical School of Theatre. His leadership was marked by inclusive actions, such as renovating the Faetec theatre with accessible features and welcoming the school's first visually impaired student. Marcelo was passionate about theatre, photography, dance, and human diversity. He wept with his Orixá, his friends, and in the face of life's challenges. He was King Momo, a teacher, a journalist, a Black activist, and, above all, a student of life's school. The Marcelo Reis Medal, created by ETET Martins Penna, honors individuals who promote inclusive education in the performing arts and immortalizes his legacy. Ana shares her emotional experience representing him and highlights the public school as a space of affection, diversity, and transformation. She affirms that inclusion requires empathy and concrete actions, and that art—especially theatre—is a powerful space for this struggle. May the “knots of inclusion become bonds”—this is the enduring legacy of Marcelo Reis.



2025, *Silva*. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Keywords: Marcelo Reis; Inclusion; FAETEC.

“O mundo merece ouvir a mensagem que sua alma veio para entregar.”

O meditante

“Boa tarde a todos, todas e todes.

A benção aos meus mais velhos, amém pra quem é de amém, axé pra quem é de axé”, como Marcelo Reis diria sonorizado pela sua voz grave, potente, marcante.

Uma pessoa alegre atenta à diversidade do cotidiano, uma pessoa de fé inabalável, que sempre afirmava que sua sobrevivência era graças a Deus, porque foi criado na Igreja Batista até a adolescência e ao Orixá, mais efetiva e precisamente Xangô, de quem era filho devotado e deixava isso muito claro. Na religião se aprofundou mais ainda quando se iniciou em Ifá, o que também deixou muito claro. Marcelo Reis foi uma pessoa que estudava a religião, praticava seu conhecimento amalgamado durante a sua vida nas relações que construía por onde passava: o trabalho, o social, a família, os amigos, a cultura, a arte.

Profissional dedicado e de perfil muito específico, era parceiro intenso, assim incluía, unia, construía sua rede de diversidades trazendo quantas pessoas pudesse arrebanhar. Amante do teatro, das artes, da música, da dança, sentia-se privilegiado por ter podido ser responsável pelo teatro da Faetec de Quintino, quando administrou a obra de revitalização incluindo poltrona para obesos e espaço para cadeirante. Dirigiu por duas vezes a Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna com amor, entendendo que naquele espaçotempo poderia se expressar. Como gestor, tinha a preocupação com o enriquecimento do quadro funcional buscando ter na equipe profissionais de extrema qualidade.

Apresentou-me empolgado e não menos tenso a primeira aluna deficiente visual da escola, pois ali se configurava um enorme desafio não só em relação à repercussão de como seriam as ações pedagógicas para atendê-la, bem como a sua inclusão propriamente dita, particularmente achei fantástico, porque era mais uma prova de que a Faetec precisaria se fortalecer mais ainda quanto ao atendimento educacional especializado, o AEE, e pelo desafio que seria atender aquela aluna num espaço físico sem acessibilidade. A formação dela precisaria ser de forma parcimoniosa de modo mais inteligente, estrategicamente falando,

possível. Marcelo abraçou a causa achando incrível aquela experiência que a escola viveria, era uma pessoa dada a provocações no cotidiano.

Amante do registro por imagem, fotografava ele mesmo todas as montagens para serem lembradas e viverem na memória de cada turma. Outro hábito, outra ação comum era a arrumação dos espaços. Praticava como se fosse sua casa, na verdade era sua própria casa. A Martins Penna era a sua casa, a equipe, corpos docente e discente eram sua família que lhe dava alegria, razão de viver justificando quaisquer situações que viesse a passar. Não à toa gravou um vídeo emocionado de dez minutos ou mais de despedida indo às lágrimas, inclusive, logo depois partiu deste plano aos cinquenta e quatro anos de idade, dos quais vinte e um dedicados à rede Faetec, indo para o outro lado do caminho, essa era a expressão que usávamos quando alguém desencarnava.

Chorava com perdas, chorava com a família, chorava com os amigos, chorava com o Orixá. Foi Rei Momo, interpretou D. João VI, foi capa da revista Carta Capital, dançou charme, sambou na avenida, militou no movimento negro, foi jornalista, foi professor. Porém, mais do que tudo isso junto, foi aluno na escola mais exigente, o plano terreno. Foi aluno na escola da vida, escola essa que lhe apresentou um planejamento rígido, conteúdo pujante, avaliações severas mas que também ofereceu orientação e supervisão para que sua passagem fosse certificada com o devido êxito.

Marcelo, certa de que está junto de Deus e Ancestrais iluminado pela sua Espiritualidade, é com imensa alegria que recebo hoje essa homenagem te representando com muita gratidão. Há laços que não se desfazem, os caminhos se entrecruzam no momento determinado pelo universo viabilizando a vida em vários papéis e situações. Nós sempre soubemos bem disso.

Ana Diogo, irmã de Ifá, irmã de Orixá, irmã de profissão, companheira e parceira de uma vida.

Mojubá, meus respeitos.”



Este foi o texto, na verdade uma carta emocionada que escrevi, quando fui convidada para representar Marcelo Reis no **III Encontro Dialógico: Teatro acessível, fortalecendo e desenvolvendo parcerias**, em 11 de setembro de 2023, quando a ETET Martins Penna criou a **Medalha Marcelo Reis**, a fim de agradecer incentivadores e colaboradores da Educação Inclusiva na arte do teatro reconhecendo a relevância de cada pessoa física ou jurídica nessa área.

Quando recebi o convite feito pela Bianca, a Fogli, grande amiga, outra locomotiva cheia de vitalidade que atravessou a minha vida pelos trilhos da longa amizade com a minha amiga e comadre Márcia Jacob, fiquei extremamente emocionada, jamais havia me imaginado vivendo uma experiência dessas, mas como as pessoas são escolhidas e as justificativas são reais, cabíveis, etc, aceitei de pronto. Porém, outra surpresa ela reservara, quando me informou muito tranquilamente que seria eu a ler a homenagem ao Marcelo. Para quem não teve a oportunidade de conhecê-lo, era uma pessoa costurada pela emoção, dirigiu esta unidade escolar por duas vezes em momentos distintos doando seu tempo com dedicação exclusiva buscando parcerias, recursos para reformas dos espaços da escola, pessoal para composição da equipe técnico-pedagógica a fim de que a Martins, como chamava, figurasse com destaque positivo na rede Faetec. Presenciei o nascimento da biografia de um parceiro de trabalho ser eternizada numa medalha. Sua vivência, a prática cotidiana de uma figura pública cujo amor à arte, gente, diversidade, família, trabalho, educação e inclusão formaram o pilar da sua existência. Antes não seria assim, eu enviaria o texto e a organização do evento tomaria as devidas providências. A emoção que já era imensa triplicou, até porque a minha

relação com Marcelo Reis extrapolara os limites da profissão, avançara para outras searas e construiu uma história de vida potente nos seus significados. Esse encontro já estava escrito, o meu e de Bianca Fogli, pois trabalhávamos na Faetec e ainda não havíamos nos cruzado pessoalmente. Prova de que para tudo tem o seu tempo, isso é fato. Já o meu encontro com Marcelo Reis havia se dado há muito tempo antes da criação da rede Faetec inclusive, conhecíamos-nos de outras vidas, vivências, experiências.

Um carioca de todas as tribos, assim se definia provando a todo momento como uma locomotiva social, onde chegava todos sabiam de longe, ávido pelo saber, pela cultura, pela convivência com o maior número de pessoas possível e muito crente, Marcelo Reis era uma pessoa que cria no invisível porém palpável. Sua fé em Deus e no Santo, mais precisamente em Xangô, era inabalável. Numa ocasião chamei sua atenção a respeito de algo muito importante, que era lembrar que tinha também uma mãe e não só um pai enquanto orixás. Olhou-me surpreso, concordou, mas retrucou como sempre dizendo: filho de Xangô é assim, só vê o pai e não se lembra da mãe. Fiz a minha réplica, trazendo-o à reflexão acerca desse hábito, aliás como normalmente fazia nas nossas inúmeras conversas sobre religião, a partir daquele momento passou a mencionar, lembrar, homenagear a mãe, o orixá Oxum, minha mãe também.

Representar Marcelo Reis num evento construído e produzido pela Escola Pública, grifo assim por conta do valor que atribuo à instituição falando de inclusão como educação com consciência, empatia, política pública, que trazia ainda uma medalha com o seu nome foi de um significado muito profundo, considerando o movimento em que se vê a luta, a militância de pessoas envolvidas com a causa dentro de um contexto específico que é a arte no recorte do teatro.

Eu pude ver e sentir Marcelo Reis ali presente nas discussões, nas apresentações, na produção, nas homenagens, na movimentação dos convidados, professores, alunos, instituições presentes, no convite para conhecer o centro de memória do Liceu de artes e ofícios, lugar que a ETET Martins Penna estaria ocupando até que as obras do seu prédio estivessem concluídas. A iniciativa deste projeto, carregada e costurada pela pedagogia do afeto foi intensa enquanto inclusiva na totalidade do conceito, dentro das condições daquele espaço, claro, por estar se falando de gente, de vidas, de cotidianos que atravessam as nossas encruzilhadas diuturnamente, tornando evidente a necessidade de que precisamos vê-las como quaisquer outras pessoas cidadãs, até porque quem está livre de um dia vir a necessitar de

uma rampa de acesso mesmo que temporariamente? Aponto esse exemplo por ser uma questão muito comum, mas todas as demais condições devem ser consideradas com seriedade e afeto. O afeto e a empatia deveriam ser, na verdade acredito que sejam, os pilares do processo de conscientização acerca da prática da inclusão quando se trata de tocar, sensibilizar o outro, considerando que um dia poderemos vir a ocupar o lugar de fala de quem deseja apenas estar dentro e não à margem. Gilberto Gil (You Tube 2017) quando traz na sua canção a relevância da aceitação que se deve ter acerca das diferenças individuais, nos convida, ou melhor nos direciona à apresentação da verdade sobre quem somos e de quem é o outro dizendo:

Todo mundo tem seu jeito singular

De ser feliz, de viver, de enxergar

Se os olhos são maiores ou orientais

E daí? Que diferença faz?

Todo mundo tem que ser especial

Em oportunidades, coisa e tal

Seja branco, preto, verde, azul ou lilás

E daí? Que diferença faz?

Já pensou, tudo tão igual?

Tá na hora de ir em frente

Ser diferente é normal

Todo mundo tem seu jeito singular

De crescer, aparecer, se manifestar

Se o peso na balança é de uns quilinhos a mais

E daí? Que diferença faz?

Todo mundo tem que ser especial

Em seu sorriso, sua fé e no seu visual

Se curte tatuagens ou pinturas naturais

E daí? Que diferença faz?

Ser diferente é normal

O Instituto Helena Antipoff – IAH – referência em educação inclusiva que capacita a rede Municipal de Educação localizado no bairro do Maracanã, tem em um de seus murais a frase “*Que os nós da inclusão virem laços*”, oxalá que muitos laços se formem nos mais diversos territórios sociais, entendendo que as máximas ditas repetidamente nos encruzilhamentos tais como: juntos somos mais fortes, ninguém solta a mão de ninguém, por exemplo, não sejam falácias pura e simplesmente, mas sim ações efetivas na direção da compreensão de que as relações sociais reais e verdadeiras se estabelecem quando se aceita o outro com a legitimidade de quem este é e merece. Enquanto o olhar para a aceitação do semelhante for a partir do próprio ponto de vista puro e simples, teremos muito mais nós do que laços, inclusão é justamente o contrário. A arte cênica, já que estamos falando de uma escola técnica pública de teatro, é território rico para essa reflexão uma vez que tem em seu lineamento lutas antirracistas, de gênero, anti-classistas, ou seja, é um espaçotempo que se propõe a ser igualitário promovendo inclusão de modo palpável, perceptível, concreto.

Que a Medalha Marcelo Reis seja incluída para sempre em muitos outros corpos colaborativos não só da arte teatral mas de todas as outras, a ETET Martins Penna é um ponto de partida, cultura e arte são territórios cujas linhas são infinitas na direção dos diversos saberes, fazeres, pensares. O teatro não pode ser impelido a restrições de quaisquer ordens, todo cidadão tem direito à educação, cultura e lazer assegurado pela Constituição, bem sabemos, mas quem cabe nesse todos necessita ter o raio de alcance ampliado urgentemente, diferente disso estaremos incorrendo não na democratização do acesso ao teatro mas sim no contrário, a discriminação estará ganhando força não a inclusão.

A Medalha Marcelo Reis, enquanto um valor nascido dentro de uma escola pública, um território dinâmico de troca entre ensinar, aprender, revisitar, ouvir, ver, tocar, sentir, perceber, refletir, discutir e tantas outras ações relevantes para o desenvolvimento pleno do aluno seja ele de que cotidiano for, representa uma iniciativa afetiva de reconhecimento àqueles que voltam seu olhar para esse lugar. Escola é um território de diversos pertencimentos onde todos os envolvidos no processo são atores de uma peça, cuja produção, direção e apresentação são assinadas pelos próprios, todos têm sua parcela de responsabilidade, importância, peso, participação onde sem o nós o todo não acontece.

Referências:

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V.11, N. 2 - pág. 250-257 mai. - ago. de 2025:
“Desafios da Formação Profissional no Teatro Acessível - Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena” –
DOI: 10.12957/riae.2025.87548

ALMEIDA, S.L. MOURA, E. M. B. ANJOS, M. A. *Saberes e práticas psicopedagógicas na Escola pelo direito à Educação pública de qualidade*. In LEMOS, F. C. S. (org.) *Conversas transversalizantes entre Psicologia política, Social-comunitária e Institucional com os campos da Educação, Saúde e Direitos*. v. 7. Curitiba, PR: CRV, p.556-568, 2017.

BITTENCOURT, Aline. *Joaquim, um menino autista: Guia para identificação precoce*; ilustradora Cynthia Suiane; edição Mariana Abramo. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Metaficção Editorial, 2022.

BRANCO, M. *Vida, pensamento e obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

BRANCO, A. V. *Competência emocional*. Quarteto Nova Era, 2004.

CANDAU, V. M. (org). *A Didática em questão*. Petrópolis Vozes, 2012.

CÔRTEZ, Simone Caires. *Síndrome do X frágil: teoria e prática escolar* – Curitiba: CRV, 2021.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 5e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia seres necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, G. *Ser diferente é normal*. Disponível em: You Tube. Acesso em 06 de abril de 2023 (<http://www.serdiferenteenormal.org.br>).

LOPES, A. C. dos S. *A dimensão pedagógica e cultural de Agostinho da Silva*. Porto: Editora Proedições, 2006.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SCHNITMAN, Dora Fried (organização); trad. Jussara Haubert Rodrigues. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena – coordenadora. *Autismo: um mundo singular* – São Paulo, SP: Literare Books International, 2022.

UNESCO. *Declaração de Salamanca e Enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.